

DOSSIÊ ANTROPOLOGIA COM BEBÊS E SUAS CUIDADORAS

APRESENTAÇÃO

ENQUANTO HOVER BEBÊS, HÁ ESPERANÇA

As long as there are babies, there is hope

Flávia Ferreira Pires

Professora na Pós-Graduação em Sociologia e Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Antropologia Social no Museu Nacional – UFRJ. E-mail: ffp23279@gmail.com

Marina Rebeca Saraiva

Professora do Centro de Educação-UFAL, pesquisadora de Desenvolvimento Científico Regional-c/CNPq-FAPEAL. Doutora em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: marinarebeca@yahoo.com.br

João Pessoa, v. 1, n. 8, p. 9-13, jan./jun. 2019

ISSN 2447-9837

São poucos os estudos antropológicos que se debruçam a compreender como bebês e crianças pequenas fazem-se sujeitos ao longo da sua trajetória. A Antropologia, reconhecida pelo esforço de descortinar as construções humanas supostamente “naturais”, em suas agendas de pesquisa, especialmente no Brasil, pouco tem se ocupado de refletir sobre os bebês. Apesar de ultimamente percebermos um avanço nas pesquisas com crianças, ainda são raras as investigações com bebês nas Ciências Sociais.

Já temos no Brasil uma produção importante que incorpora as crianças como principais interlocutores, articulando temas os mais diversos e abrangentes, como participação política, direitos, família, religião e educação. Nesses estudos, as crianças que falam e sobretudo as alfabetizadas são privilegiadas. Mas em relação aos bebês ainda não podemos afirmar que exista uma produção antropológica estabelecida. A que devemos essa ausência? Quais são as especificidades desses pequenos sujeitos?

Acreditamos que a ausência dos bebês nas pesquisas antropológicas se deve principalmente pela forma como construímos uma compreensão sobre o que é o “bebê”. Por um lado, são percebidos pela falta (falta de comunicação, falta de racionalidade, falta de autonomia etc.) e, por outro, como seres irracionais que não simbolizam e, portanto, estão mais próximos dos animais ou dos não-humanos. Não é à toa, portanto, que ciências médicas como a Pediatria e as ciências Psi sejam as áreas hegemônicas na construção de conhecimento sobre os bebês no Brasil.

Os poucos estudos etnográficos com bebês, como o da antropóloga norte-americana Alma Gottlieb sobre a cultura dos recém-nascidos Beng (Oeste da África), demonstram que as concepções hegemônicas sobre os bebês são específicas do mundo ocidental, urbano e industrializado. Esses estudos revelam que há muito o que se pensar sociologicamente sobre e com os bebês, ou seja, a construção de suas trajetórias passa pela produção social e cultural do que se define e se espera deles. Ao mesmo tempo, nós, enquanto antropólogas sociais, estamos preparadas metodologicamente para incluir os bebês nas pesquisas? Nosso método tradicional – a observação participante – é adequado para realizar uma pesquisa sobre os bebês e, sobretudo, com eles?

Quando lançamos a chamada para este dossiê tínhamos uma dupla intenção. Em primeiro lugar gostaríamos de provocar o debate. Sabemos que a pesquisa com crianças ainda não impacta a antropologia *mainstream* como gostaríamos. O que dizer então dos bebês? Em segundo lugar, o intento era averiguar a permeabilidade do tema entre o público brasileiro e compilar o que estivesse disponível.

Embora os bebês tenham suas especificidades e demandem um olhar cuidadoso, rigor metodológico e científico, elas podem ser consideradas a partir das teorias e metodologias desenvolvidas para a pesquisa com crianças? Em que medida os Estudos da Infância, área iminentemente interdisciplinar, a Sociologia da Infância e finalmente a Antropologia da Criança, trazem contribuições para a pesquisa com bebês?

Outro fator crucial a ser levado em conta na pesquisa com bebês é a ética. Esse ponto merece especial atenção quando tratamos de crianças de modo geral. Afinal, nossos sujeitos não são sujeitos plenos, mas tutelados pelos seus responsáveis, sejam os pais ou o próprio Estado. As crianças maiores expressam seu consentimento a partir da fala e da escrita, mas e os bebês? Por exemplo, pode o choro ser considerado um não consentimento?

A pesquisa com bebês coloca muitos desafios e por isso pode promover a inovação de teorias e métodos de pesquisa para as Ciências Sociais, além de tensionar perspectivas epistemológicas que não reconhecem os bebês como sujeitos sociais. Estamos convencidas de que a antropologia sozinha não tem condições de acessar o sujeito bebê. Margaret Mead e Gregory Bateson usaram a arte para captar imagens de bebês Balineses, produzindo um dos mais inspiradores livros já publicados na história da antropologia. Dessa forma, é na medida em que abrimos nossas fronteiras para as outras disciplinas, abraçando-as e aprendendo com elas, que conseguiremos avançar no conhecimento antropológico dos bebês.

Neste dossiê contamos com a colaboração das colegas Nazareth Salutto (UFF) e Anelise Monteiro do Nascimento (UFRJ) que escreveram o artigo *Onde estão os Bebês? Reflexões para sua construção conceitual a partir de um debate interdisciplinar*. Por meio de revisão bibliográfica da área de Educação Infantil, as autoras apontam o caráter interdisciplinar das pesquisas que, por sua vez, contribuem com a constituição de uma categoria conceitual *bebê*, podendo

colaborar para o debate político e acadêmico em torno da visibilidade social do bebê como pessoa.

Alessandra Rivero Hernandez (UFRGS) e Ceres Gomes VÍctora (UFRGS), em *Criação de filhos, recriação de pais: práticas e discursos sobre os modos sensíveis de criação infantil*, mostram como homens e mulheres, pais, buscam uma recriação de si mesmos através da criação de seus filhos. Isso se dá no bojo de uma crescente psicologização das camadas médias urbanas brasileiras decorrida nas últimas décadas. O artigo analisa um conjunto variado de discursos e práticas que constituem modos sensíveis de criação infantil que valorizam os sentidos.

Verônica Lima Ramos, Claudia Choma Bettega Almeida e Rubia Carla Formighieri Giordani, da UFPR, escreveram o texto *Normatizações e resistência: as representações sociais sobre alimentação para bebês entre trabalhadores da saúde na atenção básica*. Nesse artigo as autoras identificam como as técnicas de enfermagem e agentes comunitários acionam e trabalham o tema das práticas alimentares infantis, com foco em alguns aspectos da alimentação complementar: como as concepções do uso do açúcar e do sal na comida de bebês; bem como as principais ideias sobre alimentos capazes de prevenir a anemia.

Thais Maria Valim (UFRN), em *Interpretando cuidados: narrativas maternas acerca do desenvolvimento de bebês nascidos com a Síndrome Congênita do Zika Vírus em Recife/PE*, traz narrativas etnográficas formuladas por mães de crianças afetadas pela Zika Vírus em suas tentativas de interpretar, dar sentido e manejar o desenvolvimento de seus filhos. Nessas narrativas o preconceito e discriminação parecem ter um forte peso.

No bojo dos cuidados com as crianças diagnosticados com a Síndrome Congênita do Zika Vírus, o artigo “*Mães de Micro*” – *Perspectivas e desdobramentos sobre cuidado no contexto da SCZV, Recife/PE* escrito por Raquel Lustosa da Costa Alves (UFPE) e Yazmin Bheringcer dos Reis e Safatle (UnB) foca sobre a identidade política das mães de crianças que nasceram com microcefalia em decorrência da epidemia de Zika em 2016. Nesse contexto, a categoria *cuidado* é redimensionada a partir de relatos de solidão e cansaço.

Gostaríamos de agradecer às colegas que contribuíram com artigos, aceitando o desafio de pensar tema tão complexo. Agradecemos aos colegas



pareceristas por poder contar com vocês nesse momento de tempos escassos. Agradecemos aos Editores da Revista *Áltera*, assim como a Comissão Editorial e os estagiários que foram primorosos em todas as etapas do processo de publicação desse dossiê. Nosso caloroso muito obrigada!

Gostaríamos de terminar essa breve apresentação lembrando o que parece muitas vezes esquecido em tempos de crescente individualismo. As sociedades sobrevivem porque existem bebês. Sem bebês não há reprodução material ou cultural de um povo. O lugar dos bebês na sociedade é crucial. Os pesquisadores precisam compreender esse fato e suas implicações para essa realidade.

É através do cumprimento do pacto geracional que as crianças e idosos são cuidados. O pacto geracional implica no comprometimento entre as gerações para a realização dos cuidados com as crianças e os idosos. Nada mais falacioso do que o discurso que se abstém de dividir as responsabilidades e custos com os cuidados essenciais aos seres humanos no início e no final da vida. Mesmo que do ponto de vista individual uma pessoa possa arcar financeiramente com sua aposentadoria, ela não se cuidou sozinha quando bebê e vai necessitar da mão de obra de jovens e adultos no mercado de trabalho produzindo os bens e serviços que necessitamos para sobreviver, quando se aposentar.

O que queremos enfatizar é que o cuidado com os bebês não deve ser responsabilidade unicamente de uma família, muito menos de uma única mulher, mas de toda uma sociedade comprometida com o bem-estar coletivo. Nesse sentido, pesquisadoras amigas, não estamos tratando de um tema doméstico, muito menos exclusivamente feminino ou bonitinho, mas de um tema central para a sociedade e por isso, para a ciência.